



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GEOGRAFIA**

KYHARA PEREIRA DA SILVA

**APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA E VIVÊNCIA NO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO: ESTRATÉGIAS DE ENSINO NA CONSTRUÇÃO DO
CONHECIMENTO**

**CAMPINA GRANDE - PB
2016**

KYHARA PEREIRA DA SILVA

**APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA E VIVÊNCIA NO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO: ESTRATÉGIAS DE ENSINO NA CONSTRUÇÃO DO
CONHECIMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de
apresentad0 ao Curso de Licenciatura em
Geografia da Universidade Estadual da
Paraíba - UEPB, como requisito para a
obtenção do grau de licenciada em Geografia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Edna Maria Nóbrega
Araújo.

**CAMPINA GRANDE - PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586a Silva, Kyhara Pereira da
Aprendizagem de geografia e vivência no estágio supervisionado [manuscrito] : estratégias de ensino na construção do conhecimento / Kyhara Pereira da Silva. - 2016.
28 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Profa.Dra. Edna Maria Nóbrega Araújo, Departamento de História".

1. Estágio Supervisionado 2. Ensino de Geografia 3. Projeto de Intervenção 4. Novas Estratégias de Ensino I. Título.

21. ed. CDD 371.225

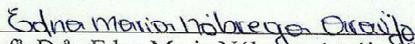
KYHARA PEREIRA DA SILVA

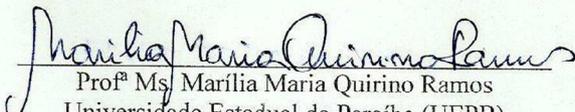
APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA E VIVÊNCIA NO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO: ESTRATÉGIAS DE ENSINO NA CONSTRUÇÃO DO
CONHECIMENTO

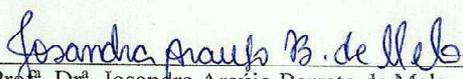
Trabalho de Conclusão de Curso em
forma de artigo apresentado ao Curso de
Licenciatura em Geografia da
Universidade Estadual da Paraíba -
UEPB, como requisito para a obtenção
do grau de licenciada em Geografia.

Aprovada em: 30/06/2016.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Edna Maria Nóbrega Araújo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a M^s Marília Maria Quirino Ramos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Dr.^a Josandra Araújo Barreto de Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, pelo amor, incentivo e confiança,
dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, toda honra e toda glória.

Ao meu pai Everaldo, à minha mãe Edleuza, pelos esforços feitos até hoje para me proporcionar uma educação de qualidade.

À minha irmã Natália e aos meus familiares em geral pelo apoio.

À professora Edna por toda dedicação, paciência e orientações.

Aos professores do Curso de Geografia da UEPB, que contribuíram ao longo desses anos, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos amigos, em especial, Alisson Silva Aires e Élide Nóbrega do Rego, pela amizade ao longo de todos esses anos.

SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO	07
1 – METODOLOGIA	08
2 – REVISÃO DE LITERATURA	08
2.1 Estratégias de ensino na aprendizagem de Geografia	08
3. CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA E DIAGNÓSTICO DO ESPAÇO ESCOLAR.....	13
3.1 – Identificação Caracterização da Turma	16
4. FASE DE OBSERVAÇÃO DA TURMA E DA DINÂMICA DAS AULAS DE GEOGRAFIA	16
5. O PROJETO DE INTERVENÇÃO EXECUTADO DURANTE O PERÍODO DE REGÊNCIA	17
3 – RESULTADOS	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	25
APÊNDICES	28

SILVA, Kyhara Pereira da. Aprendizagem De Geografia E Vivência No Estágio Supervisionado: Estratégias De Ensino Na Construção Do Conhecimento. UEPB, CEDUC, Curso de Licenciatura em Geografia. Campina Grande – PB – 2016.

RESUMO

Este artigo surge como resultado da nossa experiência vivenciada durante o Estágio Supervisionado no curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Atribui-se, ao longo do texto, maior atenção ao projeto de intervenção desenvolvido junto aos alunos do 7º ano B, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Tiradentes na cidade de Campina Grande – PB. E cujo objetivo foi a inserção de “novas” práticas pedagógicas no ensino da ciência geográfica. Por sua vez, a realização do projeto pautou-se na elaboração e execução de atividades asseguradas pelos mais diversos recursos didáticos, tais como: música, mapas, revistas, cordéis, gincana geográfica, bingo geográfico e outros. Estas metodologias propiciaram encontros mais dinâmicos e interativos, tornando as aulas mais atraentes e aumentando o interesse dos alunos em aprender Geografia.

Palavras - chave: Estágio supervisionado em Geografia, Projeto de Intervenção, Novas estratégias de ensino.

INTRODUÇÃO

A educação pode trazer consigo um coeficiente muito alto de esperança. Por motivo obvio, acreditamos que ela pode mudar, em muito, a realidade, dependendo de como a aplicamos e da maneira que a concebemos. Assim, demonstramos que é o professor um dos principais colaboradores do aperfeiçoamento e da aplicação de práticas e reflexões, a fim de que os alunos possam compreender as questões que os cercam, tornando-os cidadãos críticos.

Neste sentido, a Geografia, compondo o currículo escolar como uma disciplina, também deve colaborar na promoção do interesse dos alunos rompendo assim, algumas orientações que vinham sendo postas em prática, desde tempos pretéritos, pois conforme observação feita por Brabant (1998, p. 15): “A geografia escolar, apesar de uma predisposição aparente a tratar do mundo que nos rodeia, acabou se desenvolvendo no mesmo plano das outras disciplinas, um plano antes de tudo marcado pela abstração”.

Por conseguinte, os alunos sentem-se distante dos conteúdos abordados em sala e desenvolvem apatia pelas aulas. Diante dessas perspectivas, os professores devem se debruçar sobre as práticas pedagógicas diversificadas e recursos didáticos, colocando-os em funcionamento a fim de que as aulas sejam consideradas minimamente satisfatórias para o alunado.

Sob o ensejo de se tentar mudar as perspectivas mencionadas, partimos para uma verdadeira vivência em sala de aula, objetivando assim, a partir da utilização de múltiplos recursos didáticos, promover o desenvolvimento de atividades para uma efetiva aprendizagem; relatando, em seguida, os resultados das ações promovidas com o uso de tais ferramentas, em maioria, acessíveis, e que podem contribuir para a formação dos futuros docentes, além de haver uma maior aproximação entre teoria e prática.

Para tornar a aula mais produtiva, no intuito de despertar o envolvimento dos educandos para com os conteúdos de estudo, buscou-se o uso de metodologias mais dinâmicas e interativas, propiciando assim, aulas mais atrativas e facilitadoras em gerar e manter o interesse por aprender Geografia. Nesse sentido, utilizo-se desde músicas, passando por cordéis, até uma mini-gincana e bingo para fortalecer tanto o vínculo com a turma, como tornar a aula mais ativa, de experiência vívida. O que, portanto, não só conquista o alunado em geral do Ensino Fundamental II, mas também faz com que haja

significativa melhora em desempenhos: seja na disciplina por nós abordada, e em todos os componentes curriculares. Isso porque cada um, partindo de uma atenção estimulada e desperta, chega a uma aprendizagem mais ampla, passível de correlações com os demais saberes, com a vida para além dos muros da escola, ou seja, com possibilidades de se tornar cidadão atuante ou, no mínimo, mais consciente de seu papel diante do espaço sócio-geográfico.

Desde que a vivência em sala de aula foi proporcionada pelo Estágio Supervisionado, uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9394/96), visamos, necessariamente, fortalecer a relação entre teoria e prática. Baseou-se, assim, no princípio metodológico de que o desenvolvimento de competências profissionais vincula-se a conhecimentos adquiridos, no que implica em utilizá-los como em atualizá-los. Sejam conhecimentos relacionados à vida acadêmica ou já à vida profissional e pessoal, constituem-se instrumentos fundamentais de entendimento e de integração do aluno na realidade social, econômica e do trabalho em sua área profissional.

1. METODOLOGIA

A metodologia utilizada pautou-se, a princípio, em métodos de pesquisa aplicados aos alunos em forma de questionário a fim de desvendar o grau de satisfação dos mesmos quanto às aulas de Geografia. Com os resultados em mãos, a execução do projeto veio a se realizar na elaboração e execução de planos de ensino, abordando os mais diversos recursos, tais como: música, mapas, revistas, cordéis, mini-gincana, “bingo”, dentre outros. Com base nisso, ver o nexo 1, anexo 2, anexo 3 e anexo 4.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 ESTRATÉGIAS DE ENSINO NA APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA

Segundo Brandão (2007, p. 7), “ninguém escapa da educação”. Já mencionamos o potencial emulativo do educar sobre a realidade mais concreta de um ser ou de uma coletividade; enquanto professores, nós carregamos esta esperança de superação do

status quo através da educação, aliada, naturalmente, as demais áreas de intervenção social, tal como confirma Paulo Freire, “Se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda” (FREIRE, 2000, *apud* DIAS, 2009, p. 4).

Neste começo de século, uma gama de novos instrumentos possibilitam ao sujeito, diferentes formas de obter, operacionalizar, desenvolver e transmitir conhecimento. Vivemos em um mundo onde a tecnologia interfere sobremaneira no cotidiano da sociedade, sendo assim possível, quando não fundamental, que a educação também envolva nos seus diversificados momentos de ensino/aprendizagem, a produção e a interpretação das tecnologias, bem como a utilização desses recursos.

A escola não é uma célula isolada e deve estar integrada as ações da própria sociedade. Na atualidade com o desenvolvimento tecnológico acelerado que estamos vivenciando, a escola precisa ficar atenta e estar conectada à realidade. Hoje as crianças e os adolescentes presenciam e vivenciam conflitos sociais dentro e fora de casa, crescem em espaços repletos de equipamentos eletrônicos, como a televisão e a internet, realidades que constroem valores e atitudes dos alunos dentro e fora da escola. (PASSINI, 2010, *apud* SILVA 2015, p. 8.)

Atualmente, mais do que nunca, o professor mantém o seu papel de mediador. Ao invés de lecionar conteúdo, deve levar o seu alunado a questionar sobre os acontecimentos e conteúdos; no lugar de preestabelecer regras, sugeri-las ao alunado, para juntos engendrará-las; deve levar os jovens a pesquisar as várias culturas e assim ajudá-los a ampliar a visão de si mesmos e da alteridade, da pluralidade de manifestação de vida do Universo. Embora não se constituam soluções mágicas para todos os problemas, o uso de tecnologias em sala de aula possibilita um aumento nas chances de aquisição do conhecimento nesse difícil processo de ensino/aprendizagem, bem como facilita tais abordagens multifacetadas e multiculturais, desde que a tecnologia abre portais de informações e comunicações com o mais longínquo ou anteriormente inacessíveis – que se dirá de um passeio virtual através da ferramenta de mapas e georreferenciamentos que satélites proporcionam em rede?

As Orientações Curriculares Nacionais, direcionadas às Ciências Humanas e suas tecnologias, reconhecem no currículo de Geografia o seu caráter de preparar o alunado a

localizar, compreender e atuar no mundo complexo, problematizar a realidade, formular proposições, reconhecer as dinâmicas existentes no espaço geográfico, pensar e atuar criticamente em sua realidade tendo em vista a sua

transformação. (BRASIL, OCN-MEC, 2006, p. 43).

Nessas potencialidades, apontadas no currículo de Geografia, o professor está incumbido de adentrar e aprofundar as práticas e reflexões, a fim de que os alunos possam compreender a realidade que os cerca. Adotando como base elementar os conceitos de região, lugar, espaço, território, natureza, como também incorporar outros como sociedade, cultura e tempo, criando assim relações que promovam o entendimento do espaço geográfico. Conforme Pierre Monbeig:

Convém que o ensino acompanhe as transformações do globo, [...] a geografia é uma interrogação permanente do mundo. A evolução do ensino da geografia, nesse sentido, é facilitada pelos contatos de todo o gênero que tem a mocidade com os problemas de nossos dias. A conversação em família, o rádio, a televisão, os jornais, e às vezes até as crianças, nesse banho cotidiano de inquietação []. Não é difícil ao professor aproveitar-se disso para animar o seu ensino. Os alunos encontrarão aí uma prova de que a vida não para na porta da classe. (MONBEIG, 2006, apud BUITONI, 2010, p.9).

A partir dessa base teórico-metodológica, os professores devem se debruçar sobre essas perspectivas e colocá-las em prática a fim de que as aulas sejam para o alunado uma fonte de prazer pela aprendizagem.

Com interesse que se rompa com práticas ultrapassadas, se faz necessário a utilização de novos métodos e recursos, que possam facilitar a interação e o aprendizado, de forma que a disciplina de Geografia possa cumprir o seu papel curricular e, portanto, social.

Em uma perspectiva retrógrada e deturpada, alguns professores afirmam que os meios de comunicação, principalmente os jornais e programas televisionados, o rádio, as revistas, a internet como os demais meios, fazem uma Geografia que poderá ser intitulada do “espetáculo”, tornando a Geografia escolar ultrapassada e medieval. Porém, não se leva em conta que tais instrumentos produzidos pela mídia podem ser utilizados em sala de aula, visto que tais matérias podem promover o interesse dos alunos, através da associação entre a disciplina de Geografia e o cotidiano local, procurando romper com um ensino que apenas se utilize de técnicas de memorização, conforme observação de Oliveira:

Ou, por outras palavras, os professores e os alunos são treinados a não pensar sobre o que é ensinado e sim, a repetir pura e simplesmente o que é ensinado. O que significa dizer que eles não participam do processo de produção do conhecimento. (OLIVEIRA, 1998, p.28).

Utilizar metodologias de ensino que consigam despertar e manter o interesse do aluno, inserindo-os no seu contexto social, através de diálogos abertos, e assim tornar o ensino da Geografia algo produtivo e ligado com os pensamentos e inovações do mundo moderno, atualmente, é um dos principais desafios do professor. Para Vesentini:

O bom professor deve adequar seu curso à realidade dos alunos. Realidade tanto local (a comunidade, o espaço de vivência e suas características) - nunca se deve esquecer que os estudos do meio constituem um dos mais importantes instrumentos da geografia escolar-, como também psicogenética, existencial, social e econômica. Se os educandos, são fascinados pelos computadores, pela imagem no lugar da escrita, por jogos, então é interessante incorporar tudo isso na estratégia de ensino, afinal, o professor também é um cidadão que vive no mesmo mundo pleno de mudanças do educando ele também deve estar a par e participar das inovações tecnológicas, das alterações culturais. A televisão, a mídia em geral e os computadores (isolados ou conectados a redes) oferecem imensas possibilidades inovadoras ao professor. Cabe trabalhar com esses recursos de maneira crítica, levando o aluno a usá-los de forma ativa (e não meramente passiva) [...]. (VESENTINI, 2003, p. 30/31).

Sendo a Geografia uma ciência capaz de tornar o mundo compreensível e explicável, os profissionais da área devem levar os alunos a entender melhor a realidade na qual estão inseridos, possibilitando que nela interfiram de maneira consciente e propositiva.

Os meios comunicacionais, (internet, televisão, rádio) surgem como novas e diferentes formas de aprendizagem e compreensão do mundo. A principal função da escola, como afirma Rodrigues, seria:

preparar e levar o indivíduo ao domínio dos instrumentos culturais, intelectuais, profissionais e políticos, garantir, ainda, que a cultura, a ciência e a técnica não sejam propriedades exclusivas das classes dominantes. (RODRIGUES, 1992, *apud* SANTOS, 2005, p. 2).

Tendo em vista que a instituição escolar é uma das encarregadas pela socialização de cada jovem e cultivo dos seus valores sociais, partindo de sua capacidade enquanto indivíduo, consciente e autônomo, capaz de entender a si e ao outro, ela tem como obrigação difundir conhecimentos que se relacionam com o mundo a sua volta.

A lousa, o caderno, os livros e demais materiais didáticos foram tecnologias implantadas para melhorar o processo de educação. No entanto o que se questiona é o porquê do não uso das mídias como recursos no curso do ensino/aprendizagem em sala de aula.

Para Marina Roth, mestre em Pedagogia, doutora em Filosofia e diretora de Estratégia, Pesquisa e Política da Educação Global da empresa de tecnologia Intel, é preciso que haja mudanças no processo de ensino para que possamos preparar nossos jovens para as exigências do século XXI.

Roth explica como o uso da tecnologia pode alterar a prática de ensino e aprendizagem. Para ela, citando as experiências bem sucedidas em outros países,

as exigências e oportunidades relacionadas às tecnologias hoje são enormes para todos os países. Para lidar com isso, é essencial pensar em meios de desenvolver nas escolas as habilidades que as crianças precisarão para enfrentar o século 21, como pensamento crítico, capacidade para resolver problemas e tomar decisões, boa comunicação e disposição para o trabalho colaborativo. As nações que trabalham para integrar essas novas habilidades à prática escolar e propiciam, por exemplo, uma relação mais próxima entre professores e alunos e um atendimento quase personalizado às necessidades deles têm mais chances de avançar. Nesses países, o sistema político dá suporte à transformação sistêmica na Educação. O mais importante é garantir que toda criança tenha acesso ao ensino e à tecnologia de forma igualitária. (ROTH, 2011, *apud* TREVISAN, 2011, p. 1).

Sabe-se que as escolas brasileiras aos poucos tem feito uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), mas ainda estamos distantes do patamar ideal para que, de fato, as tecnologias alterem o tradicional modo de ensino.

Para a professora da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, doutoranda em Educação pela Universidade de Alcalá – Madrid/Espanha, Iracy de Sousa Santos diz em artigo que

O grande desafio para a escola implica em mudanças que vão desde a concepção de educação, de aprendizagem e de formação de professores, até a definição de políticas públicas que possam garantir a democratização e apropriação destas ferramentas em uma perspectiva crítica. (SANTOS, 2005, p. 3).

É inegável a importância das políticas públicas para que haja materiais tecnológicos em sala de aula, mas de nada adiantará existir recursos se os professores não estiverem instruídos da importância de inserir as mídias na educação e como fazê-lo de maneira efetiva.

É importante destacar que uma escola bem equipada tecnologicamente não é garantia de bom ensino. Possuir TV, som e computadores sem uma estratégia para ensinar utilizando as novas tecnologias, não basta! A questão aqui não é financeira. Muito embora seja incontestável investimentos mais intensos nas redes particulares, as escolas públicas, mesmo não possuindo um arsenal tecnológico mínimo, não estão

condenadas a permanecerem com a prática do ensino tradicional e por vezes, ultrapassado.

A formação continuada dos professores é o segredo para que o uso das tecnologias dentro da sala de aula ofereçam resultados satisfatórios. Para a professora doutora da PUC-SP e pesquisadora do uso de tecnologias na educação, Beth Almeida, “É fundamental que essa formação tenha como eixo a experiência do professor com o uso das tecnologias. Não pode existir um curso centrado apenas na instrumentalização, nem apenas teórico. Tudo deve estar integrado à prática pedagógica”. (ALMEIDA, 2014, *apud* AURILI, 2014, p. 1).

Para que os recursos cheguem até a escola, o professor precisa compreender a cultura do alunado. Identificar o que motiva tais alunos e incluir em seu planejamento atividades criativas com as quais eles se identifiquem é fundamental para que a inclusão das Tecnologias da Informação e Comunicação em sala de aula seja bem sucedida.

A implantação efetiva das tecnologias da informação e comunicação nas escolas só acontecerá quando os professores não mais resistirem aos avanços tecnológicos por medo de serem supostamente substituídos pelas máquinas ou por receio que os alunos os ultrapassem em conhecimento apenas por saber dominar tais ferramentas.

Além da formação dos professores, é fundamental que haja apoio governamental e políticas que deem suporte às escolas. Conforme Martina Roth, “o governo deve prover os recursos para que essa transformação ocorra, com cursos de capacitação de professores e parâmetros curriculares alinhados às novas exigências.” (ROTH, 2011, *apud* TREVISAN, 2011, p. 1). Considerando que a inclusão social atualmente passa pelo processo de inclusão digital, cabe à escola e professores inserir as mídias como recursos didáticos capazes de favorecer, variar e melhorar o grau de aprendizagem.

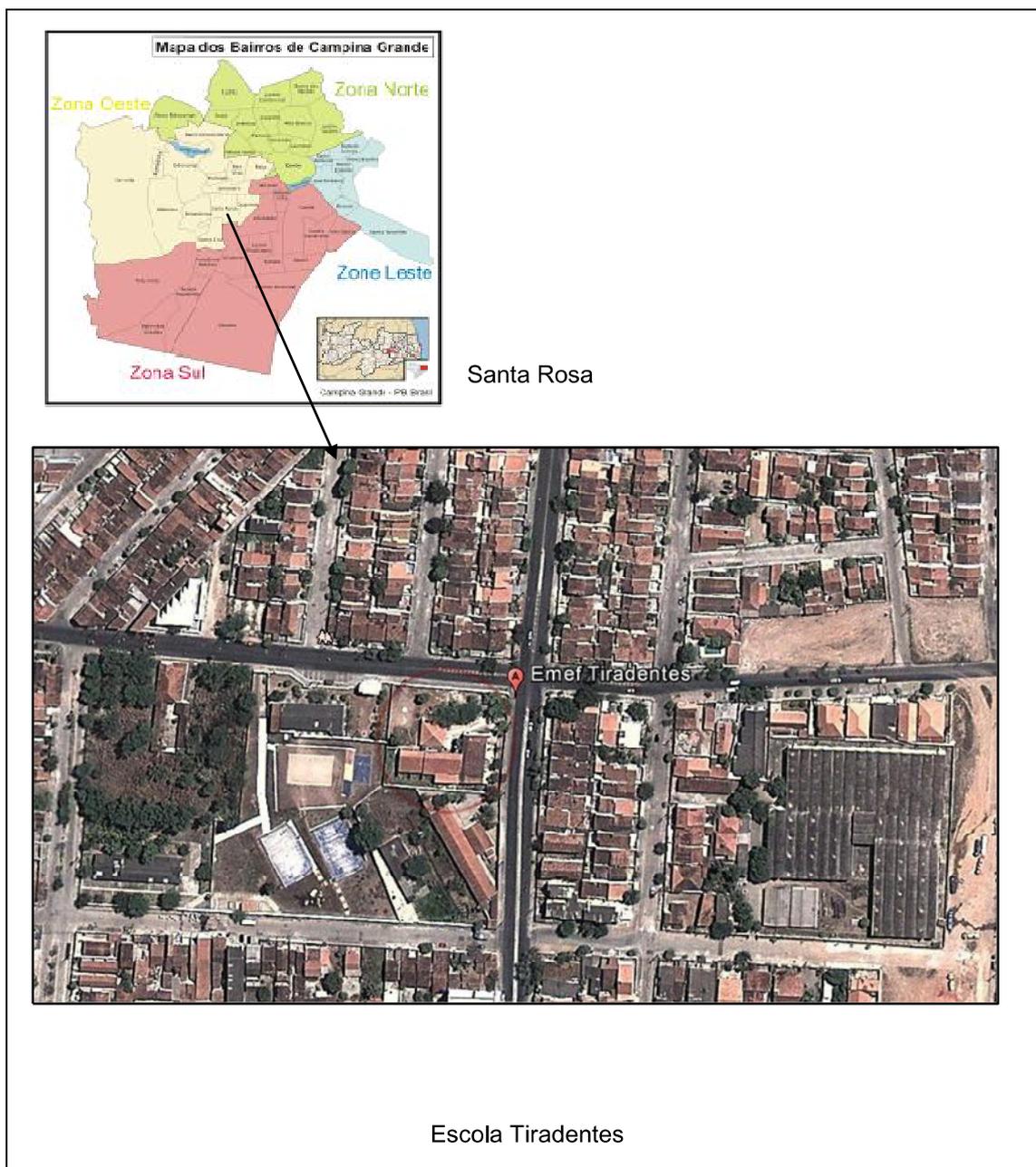
A tecnologia permite o estudo individual e coletivo de maneira eficaz. Ela proporciona uma relação mais próxima entre professores e alunos. O estudante permanece em contato com o conhecimento mesmo que deixe os limites da escola. Esse estudo contínuo dessa ordem é essencial para um futuro promissor.

3.Caracterização geográfica e diagnóstico do espaço escolar

O estágio supervisionado foi realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Tiradentes, fundada em 1963, na Gestão Severino Cabral. Encontra-se

localizada na Rua Presidente Costa e Silva, S/N no Bairro de Santa Rosa em Campina Grande – PB, Zona Oeste da cidade, limitando-se com os bairros do Quarenta, Jardim Quarenta, Centenário, Cruzeiro, Dinamérica e Santa Cruz. entre as coordenadas geográficas de Latitude 7°14'39'' S e Longitude 35°54'04'' O. (Figura1).

Figura 1: Localização da Escola- Escola .Municipal de Ensino Fundamental Tiradentes.



Fonte: Google e Google Earth. Adaptado por Kyhara Pereira Silva

Segundo informações do Plano Político Pedagógico (P.P.P.) e conversas informais com seus gestores, a Escola funciona nos três horários (Manhã – Ensino

Fundamental I, Tarde – Educação Infantil e Noite – Educação de Jovens e Adultos [EJA]), em um prédio que atualmente recebe reformas, tendo por objetivo ampliar e melhorar sua estrutura física. Estando, atualmente, matriculados na escola, aproximadamente, 625 alunos distribuídos nos três turnos.

Figura 2: Fotos da Estrutura física da Escola .Municipal de Ensino Fundamental Tiradentes



Fonte: Pesquisa de campo realizada por Kyhara Pereira da Silva. 2012.

Encontra-se nas dependências internas (Figura 2) 07 salas de aula (02 em construção), 01 laboratório de informática (ainda desativado), 03 banheiros sanitários (02 para os estudantes e um para funcionários), 01 sala de professores, 01 sala da diretoria juntamente com outra sala de apoio, 01 secretaria, 01 cozinha, 01 dispensa, 01 depósito, 01 almoxarifado, 01 quadra de areia e 01 pátio (área livre).

A instituição de ensino sofre com vários problemas na sua estruturação física, elétrica e sanitária, conforme pode ser visto através da Figura 2. A má conservação nos banheiros provocou a presença de infiltrações no teto, afetando a parte elétrica. Adicionalmente, os alunos, quando ociosos, aproveitam os espaços coletivos para

cometer vandalismo ao patrimônio público, sendo constante a presença de pichações nesses locais. Portanto, reiteramos, a escola passa por reforma, o que justifica a grande quantidade de entulho no pátio.

3.1. Identificação caracterização da turma

Os alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Tiradentes são oriundos do próprio bairro, assim como dos bairros circunvizinhos de Campina Grande. Os alunos matriculados na instituição de ensino buscam formação básica. Seus familiares em suma, trabalham informalmente ou são empregados assalariados.

Mesmo observando a missão da escola, que afirma assegurar um ensino de qualidade, garantindo o acesso e a permanência dos alunos na instituição, formando cidadãos críticos, conscientes e autônomos, competentes para o exercício da vida profissional futura e tornando-os hábeis para agir e reagir com vistas a contribuir para a transformação da sociedade e do quadro de exclusão a que por ventura pertençam, ainda assim, há grande evasão escolar.

Sob esta ótica, sabe-se das dificuldades que se colocam diante da equipe gestora e do corpo docente que deseja realizar um trabalho de qualidade. Todavia, a Comunidade Escolar acredita em uma reformulação no processo pedagógico a fim de colher resultados satisfatórios em relação à sistemática da aprendizagem do alunado.

4. Fase de observação da turma e da dinâmica das aulas de Geografia

Para fins de efetivação do estágio, foi feita uma primeira visita à escola junto com a Professora Coordenadora e Supervisora do Estágio Supervisionado na Universidade Estadual da Paraíba, efetivando-se, assim, a primeira relação direta com a gestora escolar e com a professora titular da disciplina de Geografia, as quais não se mostraram, em qualquer momento, contrárias à realização do estágio.

Em seguida, foi nos passado o horário das aulas de Geografia, o qual contemplava apenas um encontro semanal na turma de atuação do projeto de estágio, distribuída na seguinte maneira: 1º, 2º e 4º horário da segunda-feira. Posteriormente, foi

realizado um rápido reconhecimento da estrutura física da escola, bem como feita uma apresentação à turma-público alvo do estágio - 7º ano “B”.

Nas semanas seguintes do estágio, foi observado o cotidiano na turma das aulas de Geografia. Nesse momento, foi analisada a metodologia empregada em sala pela professora titular, suas necessidades e dificuldades, bem como as do alunado também. Foi diagnosticado que a turma é barulhenta, não costuma respeitar a professora, sendo também numerosa, haja vista possuir 40 alunos, com idades variando entre 11 e 15 anos, instalados em uma sala razoavelmente grande, bastante iluminada, mas, pouco ventilada.

Com a continuidade das apreciações feitas das aulas, constatou-se que a professora ministrava suas aulas da forma mais tradicional possível, fazendo uso apenas do quadro e livro didático adotado pela escola. A postura adotada em sala, somado ao baixo tom de voz e ausência de controle na resolução dos conflitos refletia e, de certa forma, até justificava o comportamento de total desinteresse pela disciplina por parte dos alunos.

A partir desse diagnóstico, buscaram-se ideias criativas e didáticas fora e dentro da escola que pudessem garantir um novo modelo de aula.

5. O projeto de intervenção executado durante o período de regência

Embora haja grandes discussões e esforços para superar o ensino tradicional nas escolas, evidencia-se que tal prática pedagógica ainda é muito utilizada mesmo nos dias atuais. Tais aulas são facilmente identificadas graças as suas características. São marcadas por metodologias convencionais, aulas expositivas centradas no professor, concedendo ao aluno a condição de elemento passivo, apenas como receptor e assimilador de conteúdos e constituindo o professor apenas como ser reproduzidor dos conteúdos dos livros didáticos.

Diante de tal situação e a escola não dispendo de uma boa estrutura física e de poucos recursos didáticos e tecnológicos, foram utilizadas outras linguagens, essas de cunho verbal e não verbal como soluções acessíveis e viáveis para a situação encontrada. Visto que

a utilização de outras linguagens, que não apenas a verbal, escrita e a não escrita, e/ou de outros recursos técnicos, diferentes do papel e do quadro-negro, é hoje inevitável e necessária na educação, porque a sociedade já está vivendo no meio técnico - científico informacional desde os anos de 1970. (SANTOS; COSTA; KINN, 2010, p.44).

Confiantes no potencial oferecido por metodologias e recursos didáticos alternativos ao tradicionalismo, procurou-se investir na sua utilização, procurando possibilitar a compreensão dos conteúdos ministrados. Dessa forma, foram selecionados recursos, tais como:

Imagens de satélite utilizadas para explicar projetos de canais, ferrovias, sistemas de irrigação, planejamentos urbanos a exemplo dos de transportes, dentre outros assuntos;

Utilização de fotografias, mapas, revistas, charges, livro didático, cartazes, e imagens a fim de se trabalhar com o espaço urbano e diferenciação regional no contexto do assunto Regiões Brasileiras;

Confecção de maquete para se explicar a forma de relevo predominante das Regiões Nordeste e Sudeste do Brasil;

Apresentação de música, poesia e cordel que alertou sobre a potencialidade da Região Nordeste;

Aplicação de um jogo didático “bingo geográfico”;

Promoção de uma gincana geográfica relacionada ao tema Regiões Nordeste e Sudeste do Brasil.

As atividades propostas foram pautadas nas recomendações propostas por Santos, Costa e Kinn quando afirmam que:

Ensinar geografia usando linguagens e recursos diversos, como as mídias eletrônicas, é, sem dúvida, um processo complexo que exige da escola competências para mediar processo e pesquisas, de forma que eles tenham importância didático-pedagógica para, além de informarem também possibilitarem ao aluno a oportunidade de (des)construir e reconstruir o conhecimento. (SANTOS; COSTA; KINN, 2010, p.43).

De caráter transdisciplinar, esse poderoso conjunto instrumental se aplica a diversos campos profissionais, tornando-se imprescindível para projetos que lidam com questões voltadas à organização, planejamento e gestão do espaço geográfico ou que envolvam análises espaciais em seus estudos.

Os meios clássicos de informações (imprensa, televisão, rádio, cinema) e os novos meios eletrônicos de alta tecnologia (aparelhos portáteis moderníssimos, com as

suas diversas possibilidades, e a internet) facilitam, em todos os aspectos, a vida das pessoas, modificando o modo de se relacionar, trabalhar, aproveitar o tempo livre e alterando a metodologia no ensino/aprendizagem.

No ensino de Geografia, a Cartografia, por exemplo, pode auxiliar o desenvolvimento de habilidades tais como leitura, análise e interpretação do espaço, pois,

possibilita ao aluno entender a distribuição espacial das relações entre sociedade e natureza, ao mesmo tempo em que se apropria de uma técnica imprescindível para desenvolver habilidades de representar, compreender e interpretar o espaço geográfico. (PNLD, 1999, *apud* PAZINI, 2004, p. 1).

As atividades cartográficas promovem o desenvolvimento de esquemas mentais que auxiliam no ensino de Geografia e outras disciplinas, contemplando ainda a viabilidade do conhecimento e a utilização de novas tecnologias.

Para Santos (1998, *apud* PAZINI, 2004, p. 1) “só uma sociedade informada, sobre as possibilidades do uso do conhecimento científico e tecnológico para a melhoria do seu cotidiano, pode cobrar efetivamente a sua aplicação, ampliando o exercício da cidadania”.

Há diversas possibilidades de uso desses sistemas eletrônicos no ensino. A começar pelos sites de busca/pesquisa que oferecem enorme quantidade de informação a exemplo do *Google* ou diversos outros sites com material científico e cursos didáticos, além de programas desenvolvidos com objetivos específicos como o *Google Earth*.

Na busca por aulas motivadoras, nasce o interesse em se debruçar sobre as perspectivas do Geoprocessamento para o ensino da Geografia.

Num país como o Brasil, de extensa dimensão continental e extrema falta de informações apropriadas para as resoluções de problemas ambientais, urbanos e rurais, o Geoprocessamento apresenta-se como ferramenta de grande potencial na busca por soluções coerentes.

Segundo o INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (2000), o geoprocessamento pode ser definido como um conjunto de tecnologias voltadas à coleta e tratamento de informações espaciais para um objetivo específico. Com a produção e reprodução do espaço, surge a necessidade de intervenção da área buscando uma melhor compreensão do espaço geográfico e das relações humanas com o ambiente onde se vive. No ensino de Geografia tem por objetivo ampliar a capacidade dos alunos de observar, conhecer, explicar, comparar e representar as características dos lugares.

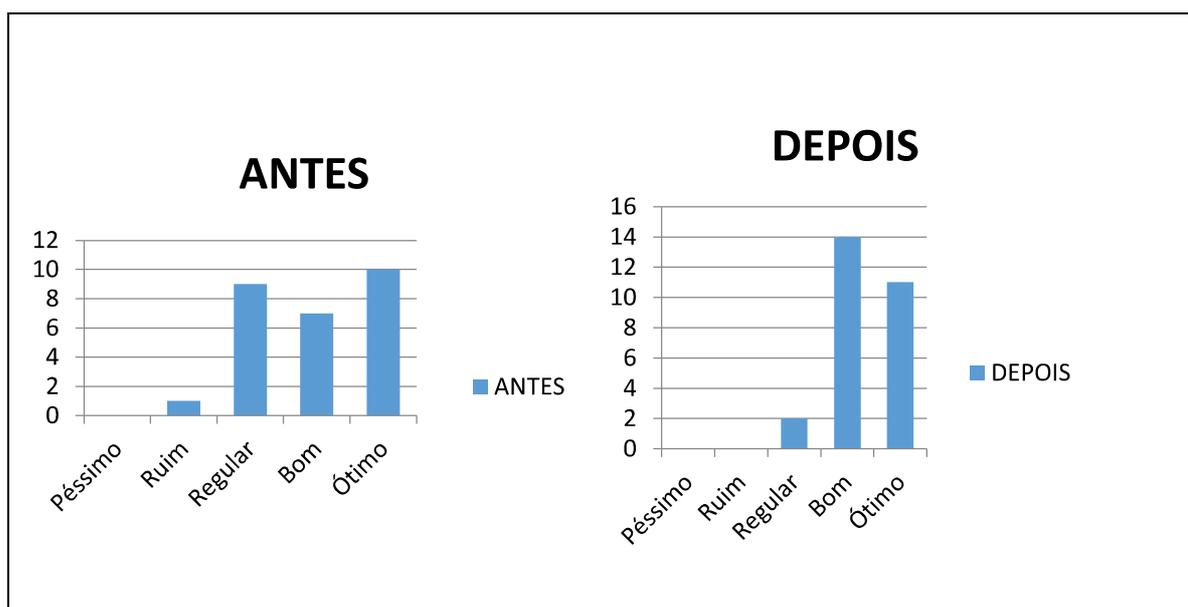
Certos que as novas representações implantadas em sala de aula, são uma forma de aproximação entre a teoria e a prática, concordamos com os autores quando afirmam que:

O uso dessas linguagens e recursos pela geografia não só permite uma maior socialização do conhecimento, como também é um meio de os alunos obterem informações e interagirem com o mundo que aproxima a geografia do real vivido por eles. (SANTOS; COSTA; KINN, 2010, p.56).

3. RESULTADOS

Visando obter subsídios que servissem de embasamento para avaliar o nível de satisfação dos alunos quanto aos métodos e recursos implementados, foi aplicado um questionário, (APÊNDICE D) cujos resultados estão expressos pela Figura 3.

Figura 3: Nível de satisfação dos alunos em relação às aulas de Geografia antes e depois da intervenção de estágio.



Ensinar Geografia requer dos professores uma percepção do espaço enquanto resultado do trabalho do ser humano, com a questão que envolve uma relação que deve ser compreendida. “O ensino precisa ser pensado no processo de transformação da sociedade e do espaço”. (SANTOS; COSTA; KINN, 2010, p.53). A fim de que os recursos utilizados em sala desvendem ao alunado uma “historia” do lugar. Visto que uma ação acarretará em outra ação, (sociedade *versus* espaço, sociedade *versus* sociedade e espaço *versus* espaço) acarretando na mudança de conceitos e paisagens.

O ensino, em sua base, exige do professor a utilização de métodos e ferramentas, sejam elas complexas ou de fácil manuseio e assimilação. O imprescindível é que se atinjam os objetivos traçados para a aula. Ou seja, deve haver a construção do saber, em conjunto com o alunado, promovendo a abertura do mundo do conhecimento. Assim, pois, afirmado por Vieira e Sá:

A aula dinâmica, que tem a participação do aluno como sujeito na construção partilhada do conhecimento, pode ser bastante produtiva porque o aluno está motivado a buscar as informações e comprometido com as análises para comprovar seus argumentos. É uma aula rica em conteúdos e todos saem com o conhecimento melhorado porque a cooperação na construção de um saber coletivo motiva todos que dela participam não é reprodução não é “ditação” não é copia: é inversão dos autores. (VIEIRA e SÁ, 2007, p.102).

Esta aula dinâmica diferencia-se do ensino tradicional presente na escola. No qual é evidenciando a constata utilização de prática pedagógica e recursos didáticos de forma errônea provocando o desinteresse da turma em ir à busca da formação do saber.

A fim de que se rompa com tais práticas ultrapassadas, se faz necessário à utilização de novos métodos e recursos, que possam facilitar a interação e o aprendizado, de forma que a disciplina de Geografia possa cumprir o seu papel curricular e, portanto, social. Segundo Oliveira:

cabe à Geografia levar a compreender o espaço produzido pela sociedade em que vivemos hoje, suas desigualdades e contradições, as relações de produção que nela se desenvolvem e a apropriação que essa sociedade faz da natureza. (OLIVEIRA, 1998, p.142).

Todavia, a escola não dispõe de uma boa estrutura física e tão pouco de recursos didáticos, foi necessária a busca de ferramentas e recursos fora do ambiente escolar utilizando assim outras linguagens e instrumentos acessíveis e viáveis para a situação encontrada. Confiantes no potencial oferecido por metodologias e recursos didáticos alternativos ao tradicionalismo, procurou-se investir na sua utilização, promovendo assim a compreensão dos conteúdos ministrados.

A priori se fez uso de fotografias, mapas, revistas, charges, livro didático, cartazes e imagens a fim de se trabalhar com o espaço urbano e diferenciação regional no contexto do assunto Regiões Brasileira. Além de se trabalhar o assunto *desigualdade social*, houve a proposta de aproximar o conteúdo Nordeste Brasileiro com o cotidiano do alunado. Visto que

o uso dessas linguagens e recursos pela geografia não só permite uma maior socialização do conhecimento, como também é um meio de os alunos

obterem informações e interajam com o mundo que aproxima a geografia do real vivido por eles. (SANTOS; COSTA; KINN, 2010, p.56).

Em outra perspectiva e embasados nos estudos de Lutfi e Pontuschka onde as mesmas afirmam que “a literatura é fonte de prazer, mais não é só isso. É igualmente modo de conhecer o mundo. Nós não teríamos condições de conhecer o mundo, o todo da vida dos homes, apenas no curto período de tempo de nossas vidas” (2009, p. 237). Neste momento, motivou-se a ser utilizados a música, a poesia e o cordel que contribuiu para alertar sobre a potencialidade verídica da Região Nordeste além de abrir horizontes em quanto o senso crítico do alunado.

Já a confecção de maquete foi utilizada para se explicar a forma de relevo predominante das Regiões Nordeste e Sudeste do Brasil. Bem como a aplicação de um jogo didático intitulado “bingo geográfico”. Ambas as atividades serviram como ferramenta adotada em sala de aula e promoveu uma dinâmica surpreendente motivando os alunos a participar de forma integrante na construção do saber mútuo.

Em culminância, foi desenvolvido uma gincana geográfica relacionada ao tema Regiões Nordeste e Sudeste do Brasil que seguiu o seguinte roteiro: Divisão da turma em duas equipes e sorteio do tema; Entrega do regulamento da gincana; Execução da gincana na própria sala de aula onde os alunos realizaram as provas já definidas no regulamento, assim como as provas surpresas; Término da gincana com apresentação da equipe campeã.

As atividades da gincana tiveram como característica proporcionar a socialização da turma, bem como conhecer melhor cada região de forma dinâmica. Visto que foi apresentada a rede hídrica e urbana da região em forma de maquete. A cultura da região foi demonstrada pela dança e estilo de música, além das autoridades e artistas consagrados da terra e história de fundação de times de futebol nacionalmente conhecido. O desenho do mapa do Brasil serviu para identificação e localização da região estudada. Além de outras inúmeras atividades realizadas que promoveram o interesse do alunado em participar da aula de Geografia.

Deste modo é certo que as novas representações implantadas em sala de aula são uma forma de aproximação entre a teoria e a prática, visou saber o nível de satisfação dos alunos quanto aos métodos e recursos implantados em sala de aula. Assim sendo aplicado um questionário, cujos resultados estão expressos pela Figura 3 já mencionada.

A partir destes dados observa-se que há uma variação benéfica e significativa representada pelas ações implementadas através de ferramentas e recursos didáticos

adequados pelos estagiários. Nesse contexto temos que afirmar a presença do próprio aluno como sujeito integrante da construção do conhecimento e remeter os recursos utilizados como ferramentas de auxílio.

Considerações Finais

A visão da educação atualmente tem representado uma exigência legal e institucional para repensar a prática vinculada à sala de aula, bem como, a estrutura organizacional da escola. Partindo desse pressuposto, o processo educacional, antes de tudo, dependerá em grande medida da concepção de educação, e, suas repercussões na organização do trabalho pedagógico.

É certamente inviável mudar a prática de fazer pedagógico sem vincular a proposta da escola à leitura da realidade, da filosofia educacional, da concepção de pessoa, sociedade, currículo, planejamento, disciplina, enfim, a um leque de ações e intervenções.

Por esse intermédio, o projeto de intervenção implementado objetivou, juntamente com o alunado, professores, família e gestão escolar, implantar em sala de aula mecanismos que permitissem a melhor compreensão nas aulas de Geografia. Onde devemos utilizar os próprios recursos (mapas, globos, livros didáticos e paradidáticos) e espaços (sala de informática e biblioteca) do referido estabelecimento escolar para que assim possa melhorar o processo de aprendizagem e despertar interesse pela disciplina.

É viável lembrar que apenas uma formação sólida do professor não adianta se a escola não oferecer condições mínimas de infraestrutura e trabalho aos docentes. Por se tratar de uma escola da rede pública, cabe ao governo destinar recursos para que a instituição apresente condições dignas de trabalho. É dever de o Estado garantir que toda criança tenha acesso ao ensino e à tecnologia de forma igualitária. E não é o que acontece na Escola Estadual de Ensino Fundamental Tiradentes. Lá, a professora não dispõe dos recursos mínimos necessários para dinamizar suas aulas, como mapas, globos, material de informática, entre outros. Ela conta apenas com livro didático e quadro.

Na nossa aula, acredita-se que tal conjunto de recursos formou um excelente material a serviço do processo ensino-aprendizagem. Provocou em sala de aula não a mera descrição, pautada nas aulas tradicionais, mas sim, a possibilidade de uma análise

crítica. Esta, feita pelos alunos que, de forma habilidosa, fundamentaram-se teoricamente de acordo com a utilização das novas linguagens implantadas em sala de aula.

SILVA, Kyhara Pereira da. Geography Learning and Living in Supervised Internship: Teaching Strategies in Knowledge Building. UEPB, CEDUC, Degree in Geography. Campina Grande – PB – 2016.

ABSTRACT

This article is the result of the experience lived during the Supervised Internship in the Graduation in Geography from Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Throughout the text, it is attributed larger attention to an intervention project developed with the students of the 7th grade B, in the Municipal Elementary School Tiradentes in Campina Grande - PB. The objective of the stage was the inclusion of "new" pedagogical practices in the teaching of geographical science. In turn, the realization of the project it is guided in the preparation and implementation of activities carried out by the various teaching resources such as music, maps, magazines, cordel literature, geography competition, geography bingos, and others. These methodologies have provided more dynamic and interactive meetings making classes more attractive and increasing students' interest in learning geography.

Keywords: Supervised Internship in Geography; Intervention Project; Teaching Geography; New teaching strategies.

REFERÊNCIAS

- AURILI, Aline. **TIC na educação**: os passos que o Brasil precisa dar para avançar. Instituto Embratel Claro. São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/em-pauta/tic-na-educacao-o-que-falta-para-seguirmos-em-frente/>. Acesso em: 14 JUN 2016.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção primeiros passos: 20).
- BRABANT, Jean-Michel. et al. **Crise da geografia, crise da escola**. Para onde vai o ensino de Geografia? 7 ed. São Paulo: Contexto. 1998.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de educação Fundamental. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**: Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB. Brasília (DF), 1996.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 2000.
- DIAS, Ester Costa de Oliveira. **A EJA na região Noroeste de Campinas**: uma discussão. 2009, (Trabalho de conclusão de curso) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- INPE. 2000. Disponível em: http://www.dpi.inpe.br/spring/portugues/tutorial/introducao_geo.html. Acesso em: 10 JUN 2016.
- LUTFI, Eulina Pacheco; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Ensino de Geografia e literatura** . 3 ed. São Paulo: Cortez. 2009.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Para onde vai o ensino de geografia?** 7. ed. São Paulo: Contexto. 1998.

PAZINI, Dulce Léia Garzia. **Utilizando Tecnologias De Geoprocessamento no Ensino de Geografia: Proposta Metodológica Para o Ensino Fundamental (3º e 4º ciclo)**. São Leopoldo, 2004. Disponível em http://www.inpe.br/unidades/cep/atividadescep/jornada/programa/t-11_trab_17.pdf Acesso em 14 maio 2016.

RIBEIRO, Ana Carolina. **O computador como uma ferramenta para auxiliar na aprendizagem: a visão de alunos e professores**. Monografia de Graduação. Porto Alegre. 2010.

SANTOS, Iracy de Sousa. **As novas tecnologias da educação e seus reflexos na escola e no mundo do trabalho**. Disponível em: http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/Trabalhos2/Iracy_de_Sousa_Santos.pdf. Acesso em: 14 maio 2016.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Hucitec, 1998.

SANTOS, Rosselvelt José; COSTA, Cláudia Lúcia da; e KINN, Marli Graniel. “Ensino de Geografia e Novas Linguagens”. In: BUITONI, Marísia Margarida Santiago (Coord). **Coleção Explorando o Ensino: Geografia**. Ministério Da Educação. Brasília: 2010.

SILVA, Alice Maria Marques da, SILVA, M. Aline Marques da. **Relatos de estágio e práticas de ensino: Como Transformar a “Teoria em Prática”**. 2015. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1SA12_ID2521_09092015192003.pdf. Acesso em 21 Maio 2016.

TREVISAN, Rita "Ter computador na escola não basta. Deve-se buscar o bom uso da tecnologia". **Revista Nova Escola**. São Paulo: Edição 247, NOVEMBRO 2011. Título original: Disponível em: <http://novaescola.org.br/formacao/martina-roth-fala-educacao-tecnologia-658386.shtml>. Acesso em: 14 maio 2016.

VESENTINI, José. William. **Educação e ensino de geografia: instrumento de dominação e/ou de libertação**. São Paulo: Contexto, 2003.

VIEIRA, Carlos Eduardo; SÁ. Medson Gomes de. **Recursos Didáticos:** do quadro negro ao projetor, o que muda? In: Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado.. São Paulo: Contexto 2007.

APÊNDICE

APÊNDICE A

Escola Municipal de Ensino Fundamental Tiradentes

Campina Grande, PB ___/___/_____

Professora: Kyhara Pereira

Disciplina: Geografia

Aluno (a): _____

Exercício de Fixação

1. O Nordeste foi inicialmente organizado em torno da atividade canavieira, sua ocupação se deu, primeiramente, ao longo do litoral com a construção de portos, pelos quais era enviado para a metrópole o pau-brasil, posteriormente a cana-de-açúcar e outros produtos. Liste os principais fatores naturais que contribuíram para o desenvolvimento dos canaviais.

2. Explique, com suas palavras, o processo de ocupação do interior da Região Nordeste.

3. Enumere os motivos que levaram a Região Nordeste à decadência econômica.

4. Leia e Responda. Em seguida, encontre as respostas no caça-palavra.

a) Constitui uma faixa de transição que possui vegetação característica dos ambientes da Caatinga (Sertão) e da Mata Atlântica (Zona da Mata); _____

b) Maior sub-região do Nordeste, também conhecido como Nordeste seco;

c) Originalmente recoberta pela Mata Atlântica. Mais industrializado e desenvolvido economicamente; _____

d) Faixa de transição entre a Floresta Amazônica, extremamente úmida, e o Nordeste seco; _____

D	H	S	A	A	T	I	N	G	A	V	P	H	G	L	R	C	S	N	F	T	A	S	
J	M	E	O	Y	M	A	T	A	D	O	S	P	I	N	H	A	I	S	B	Y	Q	F	
K	D	R	K	A	I	H	O	P	G	M	A	M	E	I	O	N	O	R	T	E	P	L	
F	L	T	E	F	L	O	R	E	S	T	A	A	M	A	Z	O	N	I	C	A	J	I	D
U	A	I	A	K	U	Ç	I	V	G	J	Q	F	K	B	A	P	M	P	K	S			
T	W	O	M	E	T	A	T	L	T	N	Y	I	C	A	L	F	G	I	M	U	I	L	
P	J	O	S	Z	O	N	A	D	A	M	A	T	A	K	I	O	R	F	H	J	B	C	
F	U	H	V	M	O	U	F	K	N	X	I	O	K	J	M	L	E	Q	H	G	I	D	
H	Y	T	N	W	K	Y	U	L	B	A	J	U	E	H	P	W	S	Ç	T	B	A	J	
G	I	V	S	M	P	S	H	C	D	X	N	I	W	A	O	L	T	T	U	P	V	D	
U	K	A	N	O	S	T	W	H	E	O	F	J	L	P	S	J	E	A	P	G	L	A	
J	O	B	I	U	H	A	E	R	P	A	N	T	A	N	A	L	P	J	K	W	I	E	

APÊNDICE B

Perguntas e Respostas do Bingo

- 1 – **Estados que formam a Região Sudeste:** *Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.*
- 2 – **Tipos de movimentos de massa:** *Escorregamento rotacional, Deslizamento e Desmoronamento.*
- 3 – **Dois importantes rios brasileiros:** *Rio Paraná e Rio São Francisco.*
- 4 – **Destaca-se como uma significativa via de circulação de produtos e de pessoas entre as regiões Sudeste, Centro-Oeste e Sul:** *Hidrovia Tietê-Paraná.*
- 5 – **Impulsionou a ocupação do atual território dos estados da Região Sudeste:** *Exploração do ouro.*
- 6 – **São conhecidas como cidades históricas:** *Mariana, Sabará, Congonhas, Ouro Preto, Tiradentes e São João del Rei.*
- 7 – **Significado de aurífero:** *Relativo a ouro.*
- 8 – **Foi onde a cafeicultura prosperou, já no século XIX:** *Vale do Rio Paraíba.*
- 9 – **Conhecido como “ouro verde”:** *Café.*
- 10 – **Significado de conturbação:** *termo que designa a unificação das malhas urbanas de duas ou mais cidades.*
- 11 – **São regiões metropolitanas no estado de São Paulo:** *São Paulo, a mais antiga, Campinas e Baixada Santista.*
- 12 – **Recebeu de planejadores a denominação MACROMETRÓPOLE:** *As áreas metropolitanas de São Paulo e Campinas.*
- 13 – **Chamado ABCD:** *Municípios paulistas de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul e Diadema.*

APÊNDICE C

PERGUNTAS - NORDESTE

1. Por quantos estados a Região Nordeste é formada? Cite pelo menos 3 deles.
9 estados. São eles: Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.
2. Como se deu a ocupação do Nordeste? Litoral/Sertão ou Sertão/Litoral?
Litoral/Sertão
3. Defina *rio intermitente* e *rio perene*.
Rio intermitente é aquele que durante o período das chuvas (ou "cheias"), normalmente no inverno, apresenta bastante água em seu curso, a qual durante o período de estiagem (período das "secas"), normalmente no verão, desaparece temporariamente. Já o rio que nunca seca é denominado perene.
4. O nordeste possui 4 sub-regiões. Quais são elas?
Zona da Mata, Agreste, Sertão e Meio-Norte.
5. Onde Campina Grande está localizada?
Agreste.

PERGUNTAS – SUDESTE

1. Quais são os estados que formam a Região Sudeste?
Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.
2. Fale sobre a ocupação do Sudeste.
A exploração do ouro impulsionou a ocupação do atual território dos estados da Região Sudeste, intensificada, mais tarde, pelo desenvolvimento da cafeicultura.
3. A Região Sudeste é abrangida pelas bacias hidrográficas de dois importantes rios brasileiros. Quais são eles?
Paraná e São Francisco.
4. No mínimo um exemplo de movimento de solo/massa.
Escorregamento rotacional, Deslizamento e Desmoronamento.
5. Defina os 3 setores da economia. Primário, secundário e terciário.
O setor primário está relacionado a produção através da exploração de recursos da natureza. Podemos citar como exemplos de atividades econômicas do setor primário: agricultura, mineração, pesca, pecuária, extrativismo vegetal e caça. É o setor primário que fornece a matéria-prima para a indústria de transformação.
Secundário: É o setor da economia que transforma as matérias-primas (produzidas pelo setor primário) em produtos industrializados (roupas, máquinas, automóveis, alimentos industrializados, eletrônicos, casas, etc).
Terciário: É o setor econômico relacionado aos serviços. Os serviços são produtos não matérias em que pessoas ou empresas prestam a terceiros

para satisfazer determinadas necessidades. Como atividades econômicas deste setor, podemos citar: comércio, educação, saúde, etc.

APÊNDICE D

Questionário

1. Sexo: () Masculino
() Feminino

2. Idade: _____ anos

3. O que acha da disciplina/aulas de Geografia?
() Péssimo
() Ruim
() Regular
() Bom
() Excelente

4. Dos recursos utilizados em sala de aula, qual (ais) foi (ram) mais interessante para o aprendizado em Geografia?
() Mapas
() Fotos
() Revista
() Cordel
() Charge
() “Bingo”
() Gincana
() Nenhum

5. E agora, o que pensa sobre a Geografia depois de nossa prática de estágio?
() Péssimo
() Ruim
() Regular
() Bom
() Excelente

ANEXOS

ANEXO A

Imagens usadas na 2ª aula

REGIÃO SUDESTE



www.baixarmapas.via12.com
Elaborado a partir de base cartográfica do IBGE

0 100 200 400 Km 



Sala de cirugía 1



Sala de cirugía 43

